

V.
36 n.1

ISSN 2236-4242

jan-abr 2023

LINHA D'ÁGUA

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo



Revista Linha D'Água

Instituição

Universidade de São Paulo

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Paulo Martins
Vice-diretora: Ana Paula Torres Megiani

Revista

Editor-chefe

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo, Brasil

Editor Associado

Gabriel Isola-Lanzoni

Universidade de São Paulo, Brasil

Editores convidados

v. 36, n. 1 – jan.-abr. 2023

Patricia Carvalhinhos

Universidade de São Paulo, Brasil

Adriana Tavares Lima

Universidade de São Paulo, Brasil

Entrevista / Interview

Entrevista com José d'Encarnação: toponímia portuguesa e Epigrafia Romana, ou uma aventura ao passado mediada pelos nomes de lugares

*Interview with José d'Encarnação:
Portuguese toponymy and Roman Epigraphy,
or a place name-mediated adventure in the past*



José d'Encarnação 

Universidade de Coimbra, Portugal

Entrevistado

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>

Patricia Carvalhinhos 

Universidade de São Paulo, Brasil

Entrevistadora

patricia.carv@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-2188-9497>

Mônica Soares 

Universidade de São Paulo, Brasil

Entrevistadora

moniclingua@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5212-0608>

Recebido em: 15/11/2022 | Aprovado em: 12/12/2022

Apresentação

A toponímia portuguesa é, simultaneamente, similar e muito diferente da toponímia brasileira. Apesar de ser o substrato de boa parte dos nomes de lugares no Brasil, a toponímia portuguesa é peculiar pela própria história da constituição de Portugal como nação, uma estrada que já era percorrida há pelo menos mil anos na época das grandes navegações. José d'Encarnação nos oferece, por meio de seu olhar de pesquisador que tropeça em topônimos diariamente, um pouco desse percurso histórico e linguístico. É uma entrevista saborosa, como um prato já conhecido que sabe diferente porque lhe são acrescentados outros ingredientes.

LINHA D'ÁGUA

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

José d'Encarnação é professor catedrático (em Pré-História e Arqueologia) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desde 1991, ora aposentado. Especialista em Epigrafia Romana. Dirige, desde 1982 (data da sua criação), o suplemento da revista *Conimbriga* (do Instituto de Arqueologia da citada Faculdade), *Ficheiro Epigráfico*, onde, em 162 números, se deram a conhecer, sob sua supervisão, cerca de 650 inscrições romanas inéditas da Península Ibérica. Concluiu o Curso de Conservador de Museus no Museu Nacional de Arte Antiga em 1972 e ocupam-no, também por isso, as questões do Património Cultural, disciplina de que também foi docente e temática de que amiúde se ocupa, como jornalista. Com algumas dessas crónicas se publicaram os livros *Cascais e os Seus Cantinhos* (2002), *Recantos de Cascais* (2007). *Dos Segredos de Cascais* (2009) e *Cascais Paisagem com Pessoas dentro* (2011). Doutor honoris causa pela Universidade de Poitiers (França), académico de Mérito da Academia Portuguesa de História e membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi agraciado, a 7 de Junho de 1994, com a medalha de mérito municipal de Cascais. Administra, na Internet, três fóruns de informação: *archport* (sobre Arqueologia), *museum* (Museologia e Património), e *histport* (história de Portugal). A sua biografia consta do livro *Personalidades da Costa de Estoril, I vol., Cascais*, 1995, p. 277-284. O Prof. Juan Manuel Abascal, de Universidade de Alicante, mantém o seu currículo actualizado, nomeadamente a nível de publicações (mais de 850): http://www.ua.es/personal/juan.abascal/encarnacao_jose_de.html.¹

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Professor José d'Encarnação, é um prazer e uma honra entrevistá-lo. Como aposentado da Universidade de Coimbra e com vasta experiência e produção em Epigrafia, História Antiga e Arqueologia, o Senhor deparou-se, em muitos momentos de sua carreira, como fica evidente por sua produção, com os topônimos. O que o nome de lugar representa para as áreas em que atua?

José d'Encarnação:

Privilégio meu poder partilhar o que gosto de fazer. O nome do lugar interessa-me principalmente pela sua génese, ou seja, pelas razões que estão na sua origem, porque essas razões nos permitem, como historiadores, descobrir o ambiente que o viu nascer, nos seus mais variados aspectos: o linguístico, o social, o político, o geográfico.

¹ Texto de apresentação extraído do currículo vitae do professor José d'Encarnação disponível no site *Cultura Cascais*, em <https://cultura.cascais.pt/anexo/cv-jose-dencarnacao-catedra-cascais-interartes>.

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Como define, então, sua relação com a toponímia como corpo disciplinar?

José d'Encarnação:

Uma relação permanente. A toponímia serve-se das epígrafes para se manifestar e, por isso, o epigrafista não lhe pode ficar indiferente.

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Leite de Vasconcelos é um autor fundamental para os estudos de toponímia, não apenas em Portugal, mas também no Brasil e, provavelmente, em outros países de língua portuguesa. Sabemos que se dedicou, em sua produção, à parte da sua obra. Como o senhor o vê e à sua produção em Onomástica?

José d'Encarnação:

Homem polivalente, todos os aspectos da cultura o interessavam. Os estudos linguísticos vivem muito da toponímia, da etnonímia – e, por isso, esse domínio não poderia ser-lhe alheio. Gerou-se no seu tempo um movimento de autonomias que procuravam justificar-se pelas suas prístinas raízes. Se descendentes de celtas ou de iberos. Não apenas por questões raciais, de olhos azuis e cabelos loiros, tez morena ou não, mas – de modo especial – por questões linguísticas. Sim, o indo-europeu fora a raiz comum; mas ramificou-se, sofreu influências múltiplas e daí brotaram outros linguajares... Os seus estudos linguísticos foram paradigmáticos e pode mesmo afirmar-se que a sua obra mais significativa, *Religiões da Lusitânia*, em três volumes, assenta muito na sua investigação linguística.

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Para título do prefácio ao Livro "Os nomes das Ruas", de Henrique Figueira e Vitor Encarnação, o senhor escolheu "A toponímia, espelho de memória e de identidade". Fale-nos um pouco sobre como os topônimos se relacionam à identidade e à memória de um povo.

José d'Encarnação:

Em primeiro lugar, ocorre sempre perguntar: porque é que este lugar se chama assim? E a resposta remete para uma história, para uma língua. Porque é que o Brasil se chama Brasil? E a resposta revela emoções (que árvore esta tão estranha, que brasa parece?),

revela correntes económicas (nossa fonte de riqueza, esse comércio de planta tão boa para a tinturaria)... E, ao indagarmos da etimologia do topónimo Lisboa, encontramos as lendas (esse Ulisses que poderia ter aportado aqui), encontramos povos (os Romanos e, antes deles, os Fenícios e outros...).

Nesse aspecto, a língua revela-se, pois, como tópico a explorar. Veja-se que, em Miranda do Douro, núcleo falante do mirandês (a segunda língua oficial portuguesa), as placas toponímicas têm a designação em mirandês e em português (Figura 1).

Figura 1. Placa Bilingue - Águas Vivas



Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

Em Toulouse, há um facto aparentemente estranho: os arruamentos têm dois nomes: em occitano e em francês (Figura 2); e o occitano já ninguém fala, mas era a língua original aí – e as entidades que superintendem na Cultura e na História da cidade quiseram vincar assim a existência desse idioma vernáculo.

Figura 2. Toulouse - Carrièra



Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

No País Basco, os arruamentos têm o nome em basco e em castelhano e o mesmo está a acontecer em países onde haja uma língua antiga e outra moderna.

O meu campo de investigação específico – dentro da Epigrafia – visa o esclarecimento das influências culturais que estiveram na base da formação de Portugal. Sim, os Romanos desempenharam papel primordial; mas, quando cá chegaram, o território estava habitado, a população estava organizada, os territórios estavam distribuídos, os núcleos populacionais mais ou menos consolidados, adoravam-se divindades... Ora, é esse campo que os monumentos epigráficos superiormente documentam que desperta o meu interesse, desde que, em 1970, defendi tese de licenciatura que viria a ser publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa: *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* (1975).

E, sobre as divindades, a questão era: o seu nome terá um significado concreto? Se o compreendermos, poderemos saber, porventura, que atributos os indígenas lhes davam? E fomos à procura.

O mesmo se passa em relação à antroponímia: certo é que, na sua origem, os nomes tinham um significado concreto, que paulatinamente se foi esfumando: se um personagem bem conhecido da aldeia era ferreiro, não seria raro que os filhos, ou ele próprio, a partir de determinado momento, integrassem Ferreiro no seu nome.

Perguntar-se-á: que têm os teónimos ou os antropónimos a ver com os topónimos? A correlação assenta no facto de ser comum a sua origem: um facto concreto, um lugar concreto, uma função concreta. Não se chamou Portel uma terra por ser a 'porta' de uma região para outra? Não se deu o nome de Albufeira a um sítio com as características de uma albufeira?

Patrícia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Tem notícias da situação atual dos estudos sobre toponímia em Portugal?

José d'Encarnação:

Sim. Houve um período em que, a nível autárquico, se procurou discutir a importância da toponímia e, até, a estratégia a adoptar na atribuição de topónimos. Daí que, em Janeiro de 2007, a Câmara Municipal de Albufeira haja organizado as *1^{as} Jornadas de Toponímia do Sul*, e no ano seguinte, em Novembro, a Câmara Municipal de Coimbra tenha chamado a si a iniciativa do *I Encontro Nacional de Toponímia*. Não houve continuidade, que eu saiba, mas, a nível local, sentiu-se a necessidade de dar aos habitantes uma ideia do motivo por que determinada povoação assim fora baptizada e as razões por que se havia dado este ou aquele nome a determinado arruamento. Vanessa Fidalgo apresentou, em

Outubro deste ano de 2022 (Oficina do Livro), o livro *Porque se Chama assim?* em que trata da «origem dos (estranhos) nomes de aldeia e vilas de Portugal». Aliás, devem-se-lhe outros livros em que a toponímia detém lugar primordial: *101 Lugares para ter Medo em Portugal* (A Esfera dos Livros, 2013), *Lugares Abandonados de Portugal* (A Esfera dos Livros, 2017).

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Em sua carreira, qual o projeto que lhe foi mais caro?

José d'Encarnação:

Assumo-me, primordialmente, como professor e, no âmbito da investigação, como estudioso da Epigrafia Romana. Ser professor é um projecto de vida e, por isso, sempre gostei da minha profissão, da possibilidade de transmitir aos outros o que ia aprendendo. E, ao ver, por exemplo, antigos alunos meus que enveredaram pela História devido a eu ter sido seu professor constitui motivo de orgulho, como o não o é menos saber que já são professores catedráticos aqueles cujos estudos eu pude acompanhar e que hoje (dizem) se revêem no que lhes foi ensinado.

Na qualidade de epigrafista, o atrás citado volume sobre divindades indígenas e a tese de doutoramento *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (Coimbra, 1984) são obras de que me orgulho, por me haver sido dada a oportunidade de me abalançar, com a ajuda dos meus orientadores, a estudos que acabaram por ser inovadores.

Creio, porém, que pergunta se dirigia mais no sentido da toponímia. Nesse âmbito direi que me deu grande prazer manter semanalmente, desde 9 de Junho de 1999 a 14 de Setembro de 2005, no *Jornal da Região*, a página «Cantinhos da Região», em que a toponímia ocupava sempre papel importante, como poderá ver-se nos quatro livros em que viria a consignar-se boa parte desses artigos: *Cascais e os Seus Cantinhos* (2002), *Recantos de Cascais* (2007), *Dos Segredos de Cascais* (2009), *Cascais, Paisagem com Pessoas dentro* (2011).

Patricia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Pretende investir mais esforços em estudos de toponímia?

José d'Encarnação:

Sim. Como docente e como investigador, gostaria que as pessoas estivessem cada vez mais enraizadas no sítio em que vivem; e, para isso, contribuir para que saibam as suas raízes, amiúde consignadas na toponímia, afigura-se-me deveras relevante. Saber, por exemplo, que em Angra do Heroísmo, as placas toponímicas têm forma ovalada (Figura 3), são de azulejo apenas enchacotado e os nomes dos arruamentos mantêm a grafia antiga, porque, estando classificada como Património Mundial, a cidade que manter a sua identidade; e que, ao invés, noutra ilha do mesmo arquipélago dos Açores, S. Miguel, o mesmo arruamento pode três fracções com nomes diferentes, para guardar a memória de políticos, porque aí tem sede o poder político – parece-me ser importante. Custa-me perguntar a um morador «desculpe, sabe onde é esta rua?» e ele o não saber, quando se trata do arruamento que conflui no seu... Ou perguntar porque é que a sua rua tem tal designação e a pessoa não ter a menor ideia de quem foi a personalidade que à sua rua deu nome... Uma instrução urgente a dar. E os estudos toponímicos detêm essa relevante missão a cumprir: enraizar, transmitir orgulho, fomentar identidade!

Figura 3. Rua d'Agoa, topónimo actual em Angra do Heroísmo



Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

Patrícia Carvalhinhos e Mônica Soares:

Fale-nos sobre seu projeto de pesquisa mais atual.

José d'Encarnação:

Sou responsável pelo *Ficheiro Epigráfico*, revista criada em 1982 destinada a dar a conhecer inscrições romanas inéditas encontradas na Península Ibérica e, claro, sobretudo no território actualmente português. Empenho-me, pois, em fazer com que as descobertas sejam estudadas e publicadas. Por isso, está em preparação o volume 238 e a mais recente inscrição publicada tem o nº 821! Por aí se pode aquilatar o percurso feito.

Acontece, todavia, que essas inscrições (falo das romanas, mas também poderia fazer das de outras épocas) se encontram, boa parte das vezes, à vista de todos desde há décadas e

nunca ninguém as 'viu', ou seja, nunca ninguém lhes deu atenção! Tal como acontece com a toponímia. O meu projecto de pesquisa tem essa finalidade: educar a atenção! Fazer com que se descubra numa «pedra com letras» o que está explícito e, de modo especial, o que nela está implícito. Existe em Coruche a seguinte placa toponímica: «Praça da Liberdade / antiga / Praça 5 de Outubro / e / Praça do Comercio» (Figura 4). Inteligentes, os autarcas que estiveram na sua origem! Duma penada, ensinaram que a revolução de 25 de Abril de 1974 trouxera a Liberdade; pela Revolução de 1910 se instituíra a República; e que, durante o século XIX, aí se reuniam os mercadores.

Não é este um projecto deveras aliciante?

Figura 4. Praça da Liberdade, em Coruche



Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

Cascais, 03 de Novembro de 2022

José d'Encarnação